

# A CULTURA E OS ESPAÇOS EM SOCIABILIDADE COMO ADMINISTRADORES DA INVESTIGAÇÃO SOCIAL

*Data de aceite: 03/08/2023*

### **Cristiomar Golo**

Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências – Universidade Federal de Santa Maria/RS - PPGEO/UFSM

**RESUMO:** O trabalho em questão delinea características da abordagem qualitativa e quantitativa como campo interdisciplinar na pesquisa social. Busca ainda, por meio de métodos como o analítico de investigação empírica, contextualizar as estruturas espaciais de análise. Traz para o campo do debate as características ligadas a cultura enquanto pluralidade na transformação e entendimento do grupo correlacionado ao espaço dimensionado.

**PALAVRAS-CHAVE:** abordagem qualitativa/quantitativa; cultura; pesquisa social.

### **INTRODUÇÃO**

Escrever, problematizar e discorrer sobre a cultura em análises relacionadas à geografia não é deixar de lado o patamar econômico, político e geoestratégico

em que o espaço se concebe – é antes de tudo – agregar valoração na própria problematização.

Portando, objetiva-se não somente dialogar sobre as questões ligadas à cultura na constituição dos espaços geográficos das sociedades, como também, discorrer sobre as formas e categorias simbólicas de valoração das relações dos seres humanos, tanto com seu espaço habitado, quanto com seu espaço concebido.

Aproximo-me das ideias de Turra Neto (2015) em que o autor, analisando sobre as problematizações pautadas entre o lugar e o território, contextualiza que é preciso construir outra imaginação do espaço, que possamos vê-lo fora do domínio do estático, do fixo, do morto. Imprescindível, assim, pensar o espaço sempre aberto, como produto de relações.

Já Clifford Geertz (2008) se dedica a realizar uma análise antropológica como forma de conhecimento por meio da etnografia e de algumas dimensões culturais como a política, a religião e os costumes sociais. Para Geertz o estudo da

cultura tem papel fundamental no entendimento da conjuntura social. Porém, debates em torno da subjetividade ou objetividade cultural são travados de forma errônea. A cultura, para o autor deve ser percebida, consentida como composição estruturante na organização das sociedades.

A cultura se justifica como um sistema de organização - e influência - das coletividades. Sistema este pautado em um mecanismo de apreensão, por meio da posse dos signos de poder e da submissão dos membros de uma comunidade política a tais signos. Assim, “a cultura não é algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade” (GEERTZ, 2008, pág. 10).

A cultura assume no estudo em questão, papel de multiplicidade de entendimento. As continuidades e descontinuidades dos acontecimentos tem no entrelace cultural, discussões profícuas de serem analisadas, aprofundadas. Geertz enfatiza que o pesquisador deve ficar atento aos detalhes. Como o entrelace de uma sobrançelha, por exemplo. A compreensão da cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade, isso os torna acessíveis, coloca-os no quadro de suas próprias banalidades e dissolve sua opacidade. “É necessário lembrar de que: para alguém tocar violino é necessário possuir certos hábitos, habilidades, conhecimentos e talento, estar com disposição de tocar e ter um violino” (GEERTZ, 2008, pág. 9).

Entende-se, portanto, a cultura como um dos aspectos essenciais para estudar não somente acontecimentos relacionados ao espaço, como também, analisar os sujeitos que tem no espaço, seu campo de batalha, sua vida cotidiana, seus anseios, frustrações, enfim, espaços de vivência e sociabilidade.

## **METODOLOGIA**

Torna-se profícua indagar as vantagens e desvantagens da pesquisa qualitativa nas ciências sociais. Suas potencialidades em busca das problematizações da pesquisa, assim como, seus entrelaces quanto às dimensões e comparações às abordagens quantitativas.

Analisando esses métodos de pesquisa Becker (1999) enfatiza que as pesquisas qualitativas têm menos probabilidade de explicar os métodos do que a pesquisa quantitativa. “As situações de pesquisa qualitativa incentivam, - poder-se-ia dizer, exigem - a improvisação, e muitos pesquisadores qualitativos sentem que suas soluções para os problemas de campo têm pouco valor fora da situação que as evocou” (BECKER, 1999, pág. 14).

Ainda na problematização do debate metodológico, me aproximamo das ideias expostas por Turra Neto (2012). O autor comenta que a metodologia é o exame de produção do conhecimento científico, avaliando a teoria empírica entre o sujeito e o objeto no processo. No caso da pesquisa quantitativa, o material é, basicamente, de natureza

numérica e permite tratamento estatístico. No caso da pesquisa qualitativa, o material é, basicamente, de natureza discursiva. Nenhuma é melhor ou pior do que a outra e ambas apresentam seus desafios, seus limites e suas potencialidades.

Na tentativa de elucidar como se pode construir um objeto científico Marre (1991) comenta que pesquisar empiricamente supõe que se possa delinear um objeto científico distinto dos objetos sociais construídos pelo senso comum, pela atividade sociológica espontânea ou pela opinião pública. Assim, é necessário não somente conhecer o produto, como também as descontinuidades em que se criou esse produto, e só assim, apreender o real ofício do pesquisador.

Com o objetivo de elucidar a construção de um objeto científico, Marre sugere a construção de uma dupla dialética ao qual chama de ascendente e descente. Na forma ascendente o pesquisador vai da apreensão do tema empírico para sua construção por meio de quadro de hipóteses. Nesta forma, não há objeto científico arquitetado sem uma ruptura com os objetos sociais construídos e produzidos pela opinião pública, ou segmentos societais. Porém, é na ruptura que se escolhe e se conceitua o tema, ao qual está relacionado com o ponto teórico que o ilumina.

Já na forma da dialética descendente o pesquisador parte da elaboração teórica efetuada no primeiro processo de elucidação do tema. Nesta fase, a dialética não somente torna o tema operacional, como também o deixa suscetível a uma verificação empírica que estabelece conexões com o estabelecimento de uma amostra, e traz uma codificação que depende da teoria e que interpele a uma interpretação permeada pelo ponto de vista teórico.

Desta forma, a metodologia vai de encontro às características endêmicas do objeto de pesquisa. Porém tanto na forma qualitativa, quanto na forma quantitativa, determinada visão proposto pelo método analítico torna-se fundamental.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A temática de qualquer pesquisa sofre ao longo de suas formulações, diversas obstruções conceituais. Não somente os sujeitos sociais estudados como suas relações sócio espaciais estão em constante transformação. Neste sentido, de que forma o pesquisador pode acompanhar (se é que é possível) as mudanças em seu feitiço estrutural e problematiza-las na pesquisa em questão? Como desenvolver sensibilidades que auxiliem na percepção plural dessas mudanças? Ou melhor, qual método de pesquisa ajudaria a contextualizar perguntas que surgem no decorrer da pesquisa?

A estas perguntas, infundáveis respostas viriam para auxiliar o pesquisador. Porém, quando se trata de uma pesquisa analítica, como é o caso em questão, qual ferramentas podem ser usadas na elucidação de hipóteses conceituais?

Penso que a base empírica traz embasamentos positivos de uma pesquisa que visa

o objeto científico que se distinga do senso comum, da opinião pública (mesmo que essa também tenha inegável importância).

Importante, assim, debater as transformações econômicas, culturais e cotidianas de determinado espaço em questão, que analise e problematize não somente dados quantitativos, mas que tenha um enfoque e uma visão qualitativa também. Penso que a base empírica traz embasamentos positivos de uma pesquisa que visa o objeto científico que se distinga do senso comum, da opinião pública (mesmo que essa também tenha inegável importância). Contudo, se pensarmos nos estudos ligados à cultura, mais especificamente as conjunturas estruturais na constituição de aspectos geográficos como determinada análise espacial, por exemplo, qual seria a melhor maneira de construir, estudar, delinear, acompanhar os sujeitos sociais em uma pesquisa? E ainda, como perceber as particularidades, tão importantes na problematização em questão destes sujeitos?

O estudo em questão analisa as vicissitudes materiais e imateriais contidas em determinado espaço, procura contextualizar as duas formas metodológicas no entrelace da pesquisa social. A análise quantitativa é importante quando se busca características econômicas de determinado produto, ou segmento comercial. Porém, ela não elucida os anseios, as preocupações e obstáculos naturais como clima, por exemplo, em determinado período e que foi importante no resultado quantitativo. A estas características, a forma qualitativa, não menos importante obviamente, vem ao encontro de contextualizar aspectos, que por muitas vezes só é percebido por meio de uma entrevista, ou até mesmo, por meio de vivências do pesquisador no grupo estudado.

Assim, pensando em uma forma visual de demonstrar o que se pondera sobre a correlação da pesquisa qualitativa e quantitativa em questão, buscou-se elaborar o desenho dimensionado na figura 1.

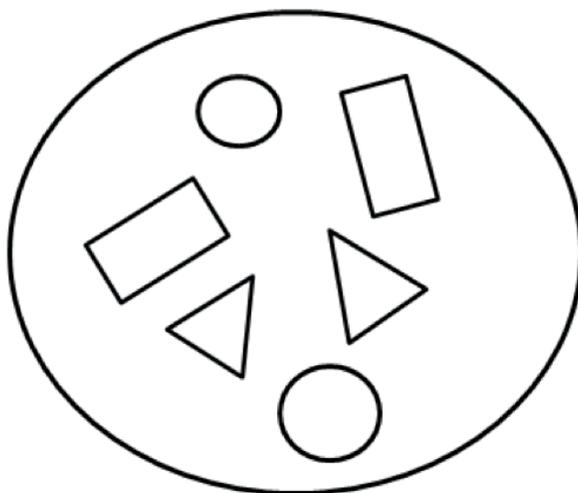


FIGURA 1: Caracterização espacial da pesquisa qualitativa/quantitativa

FONTE: Crisíomar Golo (2017)

O círculo externo representa o espaço macro, caracterizado por indicadores colhidos por fontes como IBGE, INCRA, Ministério das Cidades, dentre outros. A estes dados, estaria dimensionado o que acontece de forma mercantil no espaço – indicadores de exportação, importação, balança comercial superavitária ou deficitária, dentre outros.

As formas que estão no interior do círculo representam o espaço micro. O espaço da moradia, dos conflitos, da religiosidade, da política, das representações, da vida cotidiana, da cultura, enfim, o espaço do discurso.

Portanto, a pesquisa quantitativa viria ao encontro justamente de coleta de dados e correlação dos mesmos. Já o enfoque qualitativo procuraria, por meio de entrevistas e discursos orais, trazer de forma representativa as construções, continuidades, descontinuidades, conflitos internos, influência da cotidianidade dos espaços – teria na subjetividade uma forma de ação.

Portanto, se entende que na pesquisa em questão, a interpolação das formas metodológicas tanto qualitativas, quanto quantitativas possibilitariam maior embasamento na proposta de pesquisa social em relação á espaços delimitados e sociabilizados.

## CONCLUSÕES FINAIS

Os debates em torno do campo da importância e abrangência do que realmente deve-se contextualizar na pesquisa geográfica, principalmente em sua forma cultural, vem ganhando corpo nos últimos anos. Entender e problematizar pesquisas que visem análises plurais torna-se essencial neste campo de estudo. Entendo, portanto, que é

importante áreas e temáticas que trabalham visões quantitativas de análise que voltem-se ao entendimento processual, visto por meio de cotidianidades e entrelaces culturais. Da mesma forma, que pesquisadores ligados a geografia cultural tenham o entendimento de que há sem dúvida condicionantes quantitativos que precisam ser estudados e analisados em sua forma ímpar.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MARRE, Jacques A. L. **A construção do objetivo científico na investigação empírica**. Anais do Seminário de Pesquisa do Oeste do Paraná. Cascavel: UNIOESTE, 1991.

TURRA NETO, Nécio. Espaço e lugar no debate sobre território. **Geograficidade**, Niterói, v.5, n.1, p. 52 – 59, 2015.

\_\_\_\_\_. Pesquisa qualitativa em Geografia. **Encontro Nacional de Geógrafos**. Belo Horizonte/MG, 2012.